

MEMORANDO – N. 018/2018
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

Curitiba, 03 de Dezembro de 2018.

De: Matheus Machado Vieira/ Coordenador do Curso de Licenciatura em História
Para: Profª Márcia Dudeque/ Diretora Acadêmica/FIES/ e Corpo Docente/Discente do curso de Licenciatura em História.
Assunto: Resultados do Projeto Integrador de História/2ºSemestre de 2018

PROJETO INTEGRADOR FACULDADES INTEGRADAS ESPÍRITA
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA
PROFESSORA MESTRA TALITA RUGERI

Relatório das atividades realizadas

O projeto integrador de 2018 do curso de história teve como tema central a condição do negro no Brasil. A partir dessa temática foram desenvolvidos dois subtemas realizados pelas turmas de 4º e 6º período.

Turma do 4º período

Alunos: Andre, Henrique, Jessica e Lucas

Data da realização: 22/11/2018 – semana da consciência negra

Escola Estadual Santo Antônio

Turma: 6ºE

Tema: O negro hoje no Brasil e a literatura de Cordel

Objetivo Geral: Analisar de forma crítica a situação do negro na sociedade brasileira atual e a força expressiva deste grupo social no século XX por meio da literatura popular

Objetivos Específicos:

- Analisar a origem e características da literatura de Cordel
- Compreender a relação das camadas populares da sociedade com a expressão cultural e com a literatura de Cordel
- Debater sobre o papel histórico do negro na construção social brasileira e sua relação com a sociedade atual
- Analisar dados demográficos sobre a desigualdade social e racial no Brasil contemporâneo
- Debater sobre o papel da mulher negra na luta por maior visibilidade social por meio da expressão cultural
- Analisar movimentos, conscientes ou não, que reivindicavam o direito dos negros e das mulheres na sociedade brasileira durante o século XX.

Descrição do projeto:

- A partir do trabalho de Ana Cristina Marinho Lucio, vamos explicar o que é a Literatura de Cordel, perguntar se os alunos a conhecem, mostrar como é um cordel na prática (usar algum cordel clássico para exemplificar, talvez ler com a participação deles), depois de compreendermos o que ele é, podemos expressar a importância dele e das mensagens que ele pode vir a passar.
- Após essa apresentação, vamos mostrar os cordéis que queremos realmente explorar, neles contaremos a história de algumas mulheres negras. Primeiramente daremos um breve contexto do momento em que elas viveram, talvez fazer uma breve “linha do tempo”, da condição do negro durante a história no Brasil.
- Podemos até tentar uma organização diferenciada na sala, como nos sentar em círculo, até sentados no chão.
- O momento em que se passarão as histórias será progressivo, do início da escravidão no Brasil até o século XX. Dentro dos cordéis são discutidos temas como escravidão, religiões de matriz africana, resistência, preconceito, busca por mudança, direitos, etc.
- A partir desses cordéis vamos mostrar as diversas formas de busca liberdade procurada por essas mulheres, desde a tentativa de garantir educação, empregos, liberdade religiosa e direitos básicas.
- A distribuição das apresentações ainda está em aberto, talvez dois para explicar a parte do cordel, e outros dois para apresentar os cordéis de fato, mas ainda podemos discutir isso.

- Após toda essa explanação, podemos mostrar a situação do negro no século XXI, construir um diálogo com eles, a partir de suas experiências e opiniões, e o que eles aprenderam e entenderam com os cordéis.
- Após essa discussão dividi-los em 4 grupos, para que cada grupo produza seu próprio cordel em um cartaz, falando de uma pessoa negra que eles admiram, ou tratando da situação do negro no Brasil de uma forma geral, sem colocar um rosto específico.

HISTÓRIAS SELECIONADAS:

- ZACIMBA GABA era princesa da nação Cabinda, na região de Angola, mas foi escravizada e levada a Sapê do Norte (ES) em 1960. O fato de ser princesa enfureceu o barão da fazenda, que torturava Zacimba e a proibia de sair da casa-grande. Foi então que, com a ajuda de outros escravos, Zacimba começou a envenenar o barão lentamente, durante anos, utilizando um pó preparado com a cabeça moída de uma jararaca, feito às escondidas na senzala. Após a morte do barão, Zacimba liderou a fuga com outros negros e formou um quilombo, onde comandava emboscadas noturnas para libertar escravos dos navios negreiros que ancoravam naquela região.
- ESPERANÇA GARCIA foi uma escrava alfabetizada ilegalmente por padres jesuítas no final do século XVIII. Após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, Esperança foi levada da Fazenda dos Algodões, onde vivia com seu marido e filhos, a uma fazenda em Nazaré do Piauí, sob a administração do governo, para trabalhar como cozinheira. Em 6 de setembro de 1770, escreveu uma das mais antigas cartas de denúncia de maus tratos contra escravos, dirigida ao presidente da Província de São José do Piauí. Na carta, Esperança descrevia a violência física que sofria junto a seu filho pelo feitor da fazenda, e solicitava que fosse devolvida à Fazenda dos Algodões para que pudesse batizar sua filha. Não se sabe se seu pedido foi atendido.

A CARTA DA ESPERANÇA

Por Leandro Alves da Silva

- **Conteúdo da carta de Esperança Garcia (original)**

"Eu sou hua escrava de V. Sa. administração de Capam. Ant^o Vieira de Couto, cazada. Desde que o Capam. lá foi adeministrar, q. me tirou da fazenda dos algodois, aonde vevia com meu marido, para ser cozinheira de sua caza, onde nella passo mto mal. A primeira hé q. ha grandes trovoadas de pancadas em hum filho nem sendo uhã criança q. lhe fez extrair sangue pella boca, em mim não poço esplicar q. sou hu colcham de pancadas, tanto q. cahy huã vez do sobrado abaccho peiada, por mezericordia de Ds. esCapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tres annos. E huã criança minha e duas mais por batizar. Pello q. Peço a V.S. pello amor de Ds. e do seu Valimto. ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Procurador que mande p. a fazda. aonde elle me tirou pa eu viver com meu marido e batizar minha filha q.

De V.Sa. sua escrava Esperança Garcia"

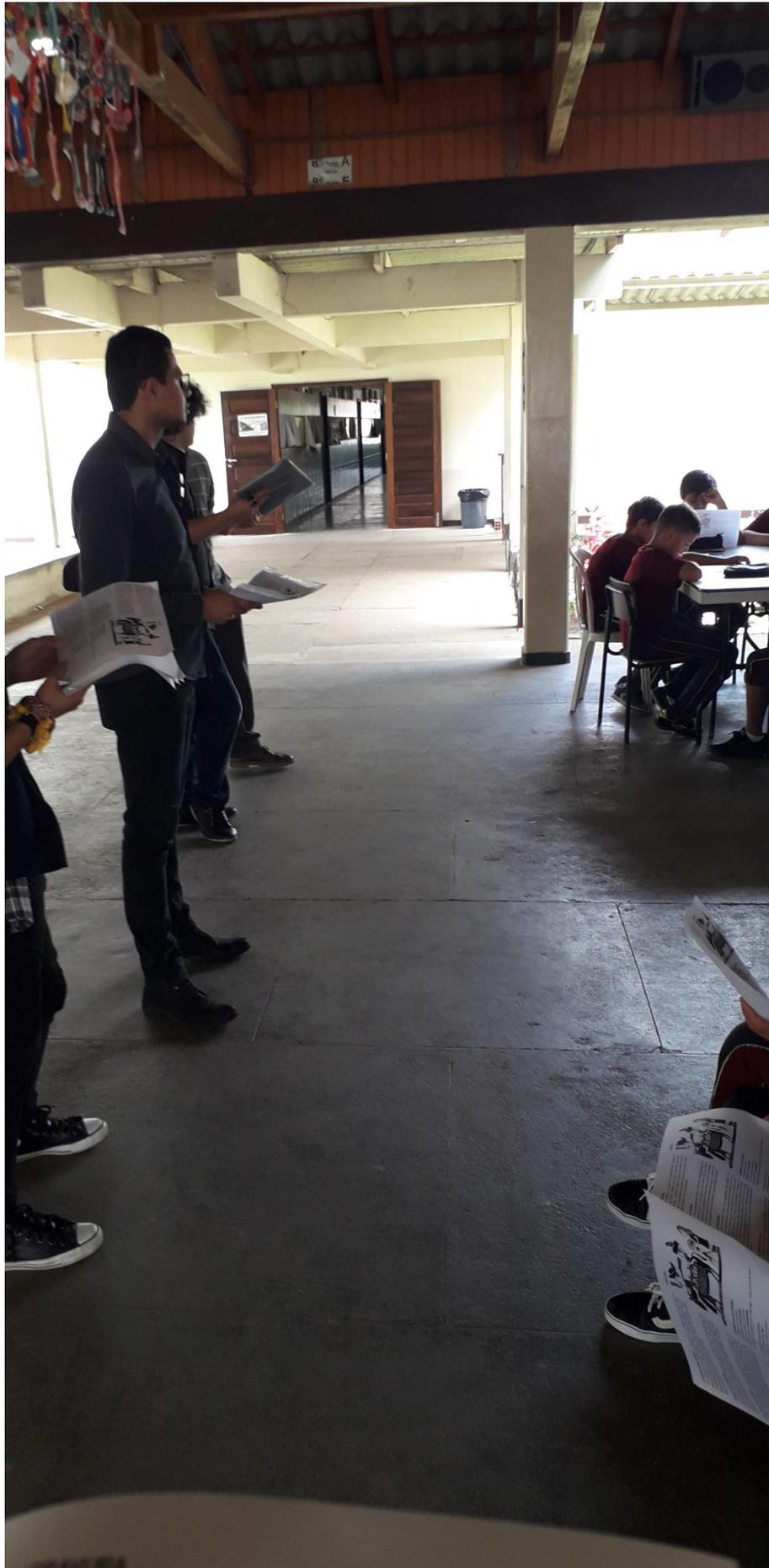
- **Conteúdo da carta de Esperança Garcia (versão atual)**

"Eu sou uma escrava de V.S.a administração de Capitão Antonio Vieira de Couto, casada. Desde que o Capitão lá foi administrar, que me tirou da Fazenda dos Algodões, aonde vivia com meu marido, para ser cozinheira de sua casa, onde nela passo tão mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho nem, sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca; em mim não poço explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo, peada, por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar a três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Pelo que peço a V.S. pelo amor de Deus e do seu valimento, ponha aos olhos em mim, ordenando ao Procurador que mande para a fazenda aonde ele me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha.

De V.Sa. sua escrava, Esperança Garcia"

- TIA CIATA, cujo nome de nascença era Hilária Batista de Almeida, nasceu em Santo Amaro (BA), EM 1854. Cozinheira e mãe de santo, foi iniciada no candomblé em Salvador (BA) e levou o Samba de Roda ao Rio de Janeiro (RJ) em 1876, onde conheceu o pai de sua primeira filha. Trabalhou como quituteira, sempre com suas vestes de baiana, para sustentar a filha. Em sua comida, expressava sua convicção no candomblé, apesar da religião ser proibida naquele tempo. Mais tarde, casou-se com João Batista da Silva, com quem teve catorze filhos. Sua casa na Praça era ponto de encontro de diversos personagens do samba e compositores importantes. A polícia perseguia esses encontros, mas, sendo também curandeira, Tia Ciara acabou sendo chamada para curar uma ferida na perna do presidente Venceslau Brás e com isso deixou de ser perseguida. Em troca do favor, pediu um emprego para seu marido. Ela faleceu em 1924, mas até hoje sua casa é referência do samba e do candomblé no Rio de Janeiro.
- ANTONIETA DE BARROS foi uma política e jornalista catarinense que lutou contra o racismo e o machismo. Nascida em Florianópolis em 1901, foi eleita para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina, tornando-se a primeira mulher a assumir o cargo de deputada no estado e a primeira mulher a assumir o cargo de deputada no estado e a primeira deputada estadual negra em todo o Brasil. Antonieta atuava como professora, escritora e jornalista. Fundou o jornal A Semana entre 1922 e 1927, e ali falava de seus ideais contra a discriminação de gênero e racial. Em 1937, escreveu o livro *Farrapos de Ideias*, com o pseudônimo Maria da Ilha. Anualmente, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina concede a Medalha Antonieta de Barros a mulheres que combatem desigualdade de gênero.











Turma do 6º período

Alunos: Hilton Cesar, José Francisco, Marcelo, Mariana, Poliana e Rodrigo

Data da realização: 29/11/2018 – semana da consciência negra

Colégio Estadual Dr. Francisco Azevedo Macedo - 2º e 3º ano

TEMA: Como os negros foram tratados após o processo de Abolição da Escravidão.

OBJETIVO GERAL:

Mostrar como ficou a situação dos negros após o processo de abolição da escravidão.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Abordar os reais motivos da Abolição da Escravidão, apontando os motivos políticos e econômicos;
- Relatar como o governo agiu com os negros após a abolição da escravidão (problematizando se tiveram algum apoio de inclusão no mercado de trabalho, na sociedade e na educação);
- Demonstrar como a sociedade se portou diante da nova situação dos negros recém libertos;

- Demonstrar como os próprios negros se comportaram diante dessa situação de liberdade (relatando pontos positivos e negativos).

DESCRIÇÃO DO PROJETO:

- Será feito uma breve explicação sobre o processo de Abolição da Escravidão para os alunos;
- Posteriormente será feita uma explicação pela Professora e Socióloga Talita Rugere sobre as

Cotas Raciais;

DINÂMICA:

- Colocar a música “COTA NÃO É ESMOLA” (cantora: Bia Ferreira), reunir os alunos em grupos juntamente com o auxílio dos graduandos e fazer um debate junto com eles de forma a levá-los a uma reflexão sobre os negros terem sido jogados à margem da sociedade, problematizando as consequências dessa marginalização que reflete até os dias de hoje. Durante o debate os alunos poderão interagir cotando suas experiências vividas no cotidiano e a reflexão que tiraram da letra da música e da palestra, interagindo assim com o projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes - O Legado da Raça Branca**. Vol. I. São Paulo: Ática, 1978.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda Negra, Medo Branco: O Negro no Imaginário das Elites - Século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Site:<https://felipepimenta.com/2014/11/10/resenha-a-integracao-do-negro-na-sociedade-de-classes-de-florestan-fernandes/>

Música: “Cota Não é Esmola” (cantora e compositora: Bia Ferreira). Disponível: vídeo e letra no youtube.

